

## CANTO DE AMOR AO ALEGRETE

Antônio Augusto Fagundes

Tudo que eu quis desta vida  
foi ser um dos teus poetas  
para cantar-te, Alegrete.

Foi assim desde guri  
apreendendo, no Inhanduí,  
uma outra geografia,  
vagando de rio em rio  
dentro do teu território:  
um pouco de desafio  
mais gaúcho, mas inglório,  
sentindo em tua poesia  
o caudaloso Ibicuí  
feito de pedra e de areia,  
o Caverá, que incendeia  
o lendário do meu pago,  
o Ibirapuitã, que trago  
latindo em cada uma veia...

São artérias, esses rios,  
tão de prata -minerais!  
e os arroios, viscerais,  
e as sangas, que olham o céu.

Ah, tuas águas, Alegrete,  
violentas em cada enchente,  
quando ranchos e gente  
e secas, em cada estio  
No fundo, eu também sou rio,  
igual aos rios que bebi!

Mas tudo que eu sempre quis  
foi ser um de teus poetas,  
uma das almas inquietas  
que andejavam por aqui.  
Ou se foram para longe:  
Quintana, poeta, anjo e monge,  
duende-menino e povoeiro.

E Juca Ruivo, um "pombero",  
estranho gênio mateiro,  
misto de poeta e guerreiro,  
com alma de guarani.

Helio Ricciardi, a quem vi  
piazito, com quem cresci,  
perdulário de poesia,  
pródigo de fantasia,  
eternamente guri.

O melhor que eu conheci!

Cyro Leães, médico e santo,  
a quem admirei tanto  
pela intelectualidade moral,  
pela cultura geral  
e a poesia sem igual.

Paulo Leães, "ligeira" -e quanto!  
flor de mato, sem espanto  
escondendo o próprio canto  
como quem esconde o pranto,  
alma sofrida, a doer.

E como hei de esquecer  
Lacy Osório, o operário  
das águas e das correntes,  
duro eterno, mas coerente  
com o que sobrou da semente  
do grande sonho social  
que se quis universal  
e se perdeu nas alturas?

E outra dessas figuras  
como quem queria ser,  
campeiro a mais não poder,  
tropeiro de estradas largas,  
sem medo de horas amargas  
que nem chegou a conhecer  
-como, João da Cunha Vargas,  
eu podia me igualar,  
ter um lugar ao teu lado  
junto ao fogo, pra matear?

Eu sempre quis ser poeta,  
flecha, adaga, lança reta,  
humano como um demônio,  
divino como um fetiche.

Como Alcy José Cheuiche,  
rebelde e poeta-criança,  
um derviche de esperança  
e um palanque de confiança  
desta nossa Tradição,  
poeta, escritor, meu irmão,  
sonhador dos mais profundos  
a correr mundos e mundos  
sem que o mundo mais imundo  
profanasse a sua mão.

Eu só quis ser um desses.  
Poeta mesmo, mas então  
invejava cada irmão:  
O Darcy, pura emoção,  
cantor, músico e poeta

(que grande declamador!)  
O Aldo, jeito de asceta  
com dimensão de profeta,  
sempre o melhor orador  
que eu já ouvi em minha vida.

O João, soldado e gaudério,  
a desvendar o mistério  
de se amar estes Brasis,  
orador dos mais sutis,  
senhor do verso e da pena.

O Bagre, uma fada morena  
deu-lhe tudo: inspiração,  
a esportiva vocação,  
a gaitinha e o violão  
e uma voz com emoção  
a dizer cada canção  
como se fosse oração.

o Júlio Cézar é um Juiz  
gaúcho, orador feliz  
que a cada frase que diz  
reacende fogo e tição.

Deus não me deu o que eu quis.  
Eu não sei tocar violão,  
canto mal, mas a intenção  
de todas a predileta  
foi ser um dos teus poetas,  
como um desses de que falo.

Alegrete, canto e galo!

Os cascos do meu cavalo  
te aqueceram como forja:  
do Patronato a São Borja,  
de Rosário a Uruguaiana  
campeando a estrela vaqueana  
que eu mesmo escolhi um dia.

Sei de cór a geografia  
alegretense dos campos,  
pagos, rincões, ventanias  
e ao encher as mãos vazias  
te andei tanto, te vi tanto,  
te amei tanto, que o encanto  
com pena de mim, um dia  
sem me fazer dos teus poetas,  
me transformou em poesia.